

5

**RELIGIOSIDADE
BRASILEIRA:
APONTAMENTOS**

Maria Dulce Silva Tomé
Graduanda em Teologia
na Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

Religião e cultura, ainda que palavras etimologicamente distintas, em suas simbologias e representações fundem-se na construção da identidade do povo brasileiro. Um olhar sobre as festas nacionais revela-nos esse entrelaçamento entre religião e a cultura brasileira: O Circo de Nazaré, Festa de São João, Folia dos Reis, Festa do Divino, Cavalhada... Interessante observar que o Carnaval, maior festa popular brasileira, ainda que de natureza profana tenha sua data de comemoração marcada de modo que, a quarta-feira de cinzas, ocorra concomitantemente com o início da quaresma que antecede a páscoa. Sendo a religiosidade parte integrante do ser humano, para a compreensão da mesma, faz-se necessário o conhecimento da sua formação na história. Esse ensaio é fruto de uma reflexão tendo como ponto de partida o livro *Matriz religiosa brasileira*, de José Bittencourt Filho e o artigo *Cultura brasileira e religião... passado e atualidade...*, de Pierre Sanchis.

Palavras-chave: Religião e Cultura; Religiosidade brasileira; Brasilidade; Novos movimentos religiosos.

INTRODUÇÃO

Religião e cultura, ainda que palavras etimologicamente distintas, em suas simbologias e representações fundem-se na construção da identidade do povo brasileiro. Um olhar sobre as festas nacionais revela-nos esse entrelaçamento entre religião e a cultura brasileira: O Circo de Nazaré, Festa de São João, Folia dos Reis, Festa do Divino, Cavalhada... Interessante observar que o Carnaval, maior festa popular brasileira, ainda que de natureza profana tenha sua data de comemoração marcada de modo que, a quarta-feira de cinzas, ocorra concomitantemente com o início da quaresma que antecede a páscoa. Sendo a religiosidade parte integrante do ser humano, para a compreensão da mesma, faz-se necessário o conhecimento da sua formação na história. Esse ensaio é fruto de uma reflexão tendo como ponto de partida o livro *Matriz Religiosa Brasileira*, de José Bittencourt Filho e o artigo *Cultura Brasileira e Religião... Passado e Atualidade...*, de Pierre Sanchis.

DESAFIOS ATUAIS DO BRASIL

Hoje se mata por nada... até por um tênis de marca. Declaração aceita com unanimidade, no espanto do por quê de tanta maldade. Sentados frente à televisão diante de cenários novelísticos estonteantes, entrecortados com comerciais que ofertam e fomentam a necessidade de maravilhosos produtos para consumo, a realidade é representada pela “justiça que tarda mas não falha”, “todo trabalho é recompensado” e “aquele que nada consegue é por responsabilidade pessoal”; uma sociedade praticamente perfeita. Como inserir nessa realidade um assassino ladrão de sapatos? Até nos indignamos com muitas das notícias nos telejornais, mas logo nos confortamos ao ver a vida das intermináveis “Helenas”. O *Reality show* deixou de ser anual e passou a ser diário, nas milhares de postagens de fantásticas viagens, festas, enfim, todo e qualquer ato como de interesse nacional. É um mundo em que todos são “estrelas”. Nesse cenário, onde vivem os milhões de famintos e desabrigados? O que fazer com os dados que revelam que a maioria da população mundial vive em miséria? Será que por mais que nos revolte é verdadeiramente incompreensível existir uma legião de pessoas, que na desesperança da legalidade, usem da violência para serem portadores do que os transformam no “cara”?

Para a grande maioria da população a economia é “bicho de sete cabeças”, e para matá-lo só com muita “oração”. FMI, Banco Mundial, ciranda financeira, estatísticas e previsões, é uma realidade excludente e na impossibilidade da participação o sentimento é de marginalização. Na instauração da subjetividade pela Modernidade, na ênfase exacerbada no individual, na ocupação do “eu” em primeiro plano em detrimento do social e sendo o ser humano ontologicamente social, abre-se um campo para frustrações. Como construir uma identidade no afastamento do que lhe é inerente pelo recebimento de uma proposta, que na verdade, objetiva as prioridades de uma classe

dominante: valores e desejos globalizados e propagados como possíveis de ser acessados por todos, para a manutenção de uma minoria?

Numa sociedade que avalia o ser humano tendo como paradigma o capital, conseqüentemente o mesmo é visto como consumidor e a conferência de sua identidade atrelada a sua capacidade de consumo. E nessa sociedade que não corresponde às expectativas, frustram-se as previsões de alguns dos filósofos do passado quanto ao fim da religião, tornando-se essa sociedade pano de fundo para manutenção e surgimento de novas religiões. Pelo estado de anomia, o indivíduo encontra no ambiente religioso a possibilidade de construção de identidade e de sentido existencial. E no atual mundo globalizado, em que a dominação tem pontos análogos com muitas das práticas usadas no proselitismo das antigas missões, como anda o cenário religioso brasileiro?

RELIGIOSIDADE BRASILEIRA

O catolicismo chegou ao Brasil na figura dos missionários jesuítas. Ainda que imbuídos de um proselitismo religioso, ocorre uma interação dialética, e os portugueses ainda que dominem, também recebem influência dos indígenas e dos africanos. Na aliança entre Igreja e Estado, só podia ser dono da terra quem fosse católico, e o catolicismo pobre, dos camponeses europeus, é assimilado pelo índio e descendentes portugueses, surgindo o catolicismo popular. Tendo como figura central os santos e assimilando a cultura indígena e a negra, reproduz-se e justifica-se a subordinação terrestre como reprodução da ordem celeste. Na segunda metade do século XIX, no combate à Reforma e à Modernidade, começa a ser implantada a romanização no Brasil tendo como elemento central a missa, e após um período de embates, numa combinação do catolicismo popular com o catolicismo romano, surge um catolicismo de massa. O corpo

eclesiástico tem o controle dos significantes, mas deixa livre o controle dos significados aos fiéis (ORO, 2013, 128).

O catolicismo como fé em forma de religião, em sua organização institucional e dogmática, operou por meio de modificações na recriação de sua própria síntese, em assimilações que promoveram o englobamento e não a exclusão. Esse sincretismo atuou reforçando ou reduzindo os paralelismos encontrados; tal sincretismo foi realizado como um processo e não como uma ação final, portanto sujeito a mudar de forma.

Religiões indígenas

As religiões indígenas têm organização e espaço sagrado próprio. São religiões ligadas à natureza, sendo essa, o grande templo sagrado, povoado de espíritos e divindades. Para os indígenas, as árvores, as matas, os rios, toda a natureza reflete a presença do sagrado. O ameríndio não se envolve em conceituações sobre um ou vários deuses; o que lhe interessa é a relação pessoal com as forças cósmicas em sua vivência diária. Para muitos povos indígenas tudo é rito, religião. Creem num ser supremo que habita e domina todo o universo, sendo essa crença ligada a mitos de criação. Há uma ordem natural do mundo que liga entre si todos os elementos do cosmo e, tudo se liga ao ser supremo, ou ao mundo invisível, ao sobrenatural. Essa estreita relação entre o mundo visível e o mundo invisível também se revela entre os vivos e seus antepassados (ORO, 2013, 116-117).

Religiões afro-brasileiras

A religião africana também ensina o sagrado inserido na natureza. Conseqüentemente, seus seguidores a respeitam como criação de Olorum. É uma religião de celebração à vida junto a seus

ancestrais e tem a ancestralidade como uma marca da matriz africana. As religiões afro-brasileiras podem ser distinguidas em três grupos ou tendências principais. Uma primeira é a que privilegia a África, onde a predominância é de elementos simbólicos e mitológicos africanos e a língua usada nos rituais, a africana. Uma segunda tendência é a brasileira e os rituais, cânticos e rezas em português e, na fusão de elementos de diversas procedências a Umbanda surge como uma prática religiosa sincrética. Na terceira tendência os rituais são realizados na língua portuguesa e africana, sendo a tendência intermediária. As três tendências tem elementos comuns e na prática trabalha-se mais de uma tendência (ORO, 2013,105-107).

Nos anos posteriores à abolição da escravatura, no final do século XIX e primeira década do século XX, a grande contingência de negros na capital do país buscava novas e melhores condições de sobrevivência, e organizaram-se em comunidades independentes da tutela dos brancos. Isso marcou a possibilidade de expansão da prática das religiões de origem africanas.

Espiritismo no Brasil

O espiritismo chega ao Brasil, século XIX, como o último ingrediente acrescentado à *Matriz Religiosa Brasileira*, consolidando-a definitivamente (BITTENCOURT, 2003). Tendo surgido em um ambiente cientificista e positivista, retomava concepções multimilenares revestida de uma roupagem científica. Consideravam-se cristãos a despeito de prescindirem e se oporem aos ritos das igrejas tradicionais. Um grupo de pessoas da classe média, insatisfeitos com os ritos excessivamente cercados a vivência intelectualista de doutrinas, buscavam reformá-lo, encontrando inspiração na prática dos cultos afro-brasileiros, dando origem a Umbanda. A Umbanda anuncia uma ética de inspiração cristã aliada aos deuses africanos e indígenas, voltada para a solução

de problemas particulares através de um atendimento mágico-religioso destinado a uma “clientela”. A correspondência entre entidades espirituais da Umbanda e os santos católicos proporciona que haja participação ritualística por facilitar a dupla identidade.

A festa “Lavagem das Escadarias do Bonfim” é um bom exemplo da religião na fusão de diferentes universos. Sendo a segunda maior manifestação popular da Bahia, o festejo tem seu início em frente à Igreja da Conceição da Praia, em caminhada por oito quilômetros até a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. O cortejo é comandado pelas baianas seguidas pelo bloco Filhos de Gandhi e uma multidão de fiéis. Todos vestidos de branco, cor do Oxalá, o deus Yorubá sincretizado com o Senhor do Bonfim. As baianas carregam vasos com água de cheiro, vassouras e flores. Na chegada a água é derramada sobre as escadarias e fiéis, num gesto simbólico de purificação; as flores são depositadas enquanto todos cantam o hino do Senhor do Bonfim.

Brasilidade

O brasileiro é um povo religioso na intensa vivência da dualidade sagrado-profano. No carnaval, o “mergulho de cabeça” nos prazeres dessa vida, para na quarta-feira de cinza começar a purificação, sendo tempo de abstinências, de promessas, no preparo para a comemoração da páscoa em toda sua simbologia. De modo consciente ou fruto da memória coletiva que permanece inserida em valores que ditam os atos, vai “levando” a vida. Em dezembro celebra o nascimento do Salvador, o Jesus Cristo e na virada do ano, comemora, em oferendas aos orixás, a esperança de um Ano Novo próspero e de paz (DA MATTA, 1986,117). Somos fruto de uma história escrita num modelo sincrético, onde pelas contingências, opressões e desigualdades sociais, criamos um “jeitinho de ser brasileiro”.

Novos movimentos religiosos

O Brasil é o país com o maior número de católicos do mundo e ainda que o catolicismo permaneça como religião majoritária, os últimos censos indicam um declínio contínuo em número de fiéis. Vinculada à Igreja Católica, especialmente à Renovação Carismática, tem crescido mediante a proposta de uma experiência pessoal com Deus propiciada pelo Espírito Santo, na vivência dos dons. As igrejas evangélicas tradicionais e históricas sofreram pouca alteração em contrapartida ao crescimento dos evangélicos oriundos do pentecostalismo e dos evangélicos sem vínculos com igrejas.

Nas últimas quatro décadas novas expressões religiosas vêm demonstrando capacidade de crescimento. Na sociedade atual, pela exacerbação da subjetividade que desencadeia um forte individualismo, a vivência religiosa não impossibilita os padrões reguladores do capitalismo, sendo que a busca é pela realização de necessidades direcionadas a interioridade, com o campo religioso transformando-se em “supermercados” de bens simbólicos. E quando essas necessidades não encontram correspondência nas religiões tradicionais, ocorre a saída total ou parcial, na busca por ambientes que as satisfaçam. Na busca desenfreada pela felicidade tendo como axioma a plenitude do “eu”, a busca é pelo caminho que leva ao gozo do “aqui e agora”. Na conquista da liberdade pela Reforma Protestante somada aos propósitos dos iluministas, a idade das trevas, em certa medida, volta com outra roupagem. É tanta luz que cega.

Vivemos um tempo em que gerações, de um lado, assistem aos avanços tecnológicos com um sentimento de irrealidade e do outro, os que já nascem como se toda essa tecnologia fosse inerente ao ser humano. Para ambos os lados, as informações chegam velozmente e em tal quantidade que causam aturdimiento. Como habitantes da *aldeia global*, a catástrofe ocorre no próprio quintal; toda violência,

todo tipo de abuso é feito pelo vizinho, instaurando-se um medo generalizado. Em um mundo globalizado, que instituições darão proteção e segurança? Onde seria a pátria mãe? O sentimento é de orfandade (BAUMAN, 2008, 163). Educação, saúde física e mental, entretenimento são necessidades confrontadas diariamente com as promessas do ideal capitalista. E nesse padrão globalizado, que se sustenta na inalcançabilidade, aglomera-se uma multidão de “zês ninguém” em busca de identidade.

Os novos movimentos religiosos objetivando atender essa demanda configuram-se num sincretismo religioso, tendo como traços comuns a elaboração de sínteses entre conteúdos de religiões milenares e a experiência mística. Nessa elaboração ensejam o esforço de criar correspondências, a exemplo do acontecido no período colonial e de modo similar a Matriz Religiosa Brasileira. A religiosidade é expressa por meio de sentimentos, intuições, crenças difusas e místicas, de modo a alcançar e preencher as necessidades subjetivas das pessoas. No encontro do “eu” interior com “Deus”, em ambientes com simbologias e representações, produzem essa unicidade, um profundo bem-estar espiritual pelo sentimento de pertença a uma totalidade cósmica.

Nesse quadro a relevância é da experiência em detrimento das crenças e do institucional. Numa sociedade secularizada em que as instituições se revelam incapazes de atender as demandas da massa e o sistema acentua as diferenças sociais, que o Pentecostalismo Autônomo surge como uma resposta a essa busca, configurando-se como fusão do sistema religioso pentecostal com o mercado de bens simbólicos; nessa configuração estabelece-se um misto de rejeição e compensação ao modelo secularista dominante. O investimento das denominações e movimentos integrantes do Pentecostalismo Autônomo é no coletivismo e não na formação de comunidades, tendo

como proposta a fórmula: cura, exorcismo e prosperidade. De modo heterodoxo ao Pentecostalismo Clássico, aquele que chega ao Brasil, usa da polissemia dos símbolos da religiosidade matricial, resultando numa ampla e variada oferta de bens simbólicos objetivando motivar e atender os anseios de seus “consumidores” (BITTENCOURT, 2003).

Em muitas dessas denominações, o assassino ladrão de sapatos tem espaço para testemunhar da sua transformação. Ele agora tem identidade, é o “cara” de Jesus. O que outrora fora excluído ou estimulado a uma auto-exclusão, decide pela ruptura, em não mais fazer parte desse mundo. No sentimento de pertença a uma nova comunidade, sente-se participante de uma elite e como tal não se mistura com os demais. E daí viria a realização de uma das maiores aspirações por parte desses movimentos, a hegemonia religiosa no meio popular.

O que a massa dos pobres e miseráveis busca nas “novas seitas populares” é o mesmo que os iluministas buscam na ciência e na técnica, e os católicos nas novas formas eclesiais: uma vida boa e com sentido... Se os demônios são a causa da sua situação injusta, então se trata de expulsá-los como os iluministas expulsaram a religião, e os partidos de esquerda querem expulsar o sistema social injusto. É tudo uma questão de causalidade... o povo não é passivo e conformado, ainda que possa não estar agindo sobre as causas reais de sua miséria (GOMES, 1977, 52).

CONCLUSÃO

Somos um povo fruto da fusão do sofrimento com a alegria. Sustentados por uma religiosidade que surpreende por sua construção em sintetizações de modelos antagônicos. E como contínuo o caminho, contínua as ressignificações, as adaptações. É fluxo interminante... O que não parece ser possível ao povo brasileiro, é “abrir mão” da esperança e do otimismo.

“Viver!
E não ter a vergonha
De ser feliz

Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita..."
(GONZAGUINHA – Eterno aprendiz)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio Janeiro: Zahar, 2008.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. Porto Alegre: Movimento; UFRS, 1977.
- ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- SANCHIS, Pierre. "Cultura brasileira e religião... passado e atualidade...". *Cadernos CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dez. 2008, p. 71-92.

Maria Dulce Silva Tomé
Graduanda em Teologia (UNIDA),
Membro do Núcleo de Estudos da Religião – NUER
da Cátedra Unida de Teologia Pública
e Estudos da Religião "Rev. João Dias de Araújo".

COMO CITAR ESTE ARTIGO

TOMÉ, Maria Dulce Silva. "Religiosidade brasileira: apontamentos". *Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 1, jan.-jun., 2014, p. 60-70. Disponível em:
< <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.